

TRADUÇÃO: UMA PRÁTICA COMUNICATIVA

Herdeira das memórias da escrita, a tradução é, por seu turno, agente de inovação cultural e linguística e pode desempenhar uma função essencial na construção do futuro.

FLOR, João Almeida — **Tradução e tradição**, 1983.

0. A tradução (1), tanto oral como escrita, é uma actividade milenária cuja vivência em termos profissionais e pedagógicos parece encontrar-se em vias de (re)afirmação.

Na verdade, numerosos são os seminários, os colóquios e as publicações, onde se refere, de modo insistente, a necessidade de apoiar e desenvolver a tradução, como uma prática indispensável ao conhecimento do Outro (ou da Outra Língua), em termos não só individuais (caso da tradução de *um* texto, de *um* autor), como também sociais, conforme testemunham as traduções obrigatórias em diferentes línguas comunitárias de textos políticos e económicos, por exemplo, de relevância para a Europa dos Doze. Associando-se a este interesse crescente, encontram-se, também a procura e a oferta renovadas de inúmeros cursos de Tradução, leccionados aos mais diversos níveis e com o apoio dos Programas, Objectivos, Metodologias e Públicos mais variados.

Todos estes factos nos impelem para uma reflexão sobre a Tradução não só como prática profissional, mas também como actividade a privilegiar no âmbito da aula de Língua Estrangeira, tal como esta é (ou poderia ser) realizada nos nossos dias. Assim, sem querermos reeditar a prática da tradução tal como era preconizada pelo método tradicional, não nos vamos tão-pouco submeter ao princípio de exclusão da Língua Materna, defendido pelos métodos directo, audio-orais e audio-visuais; antes preferimos o caminho aberto pelas novas abordagens metodológicas do ensino/aprendizagem de uma Língua Estrangeira, que, privilegiadoras do desenvolvimento da competência comunicativa, parecem reservar-lhe um lugar importante.

É, pois, no contexto da aula comunicativa que nos situaremos, procurando ver, antes do mais, que tradução aí é praticada, para, seguidamente, propormos uma outra maneira de traduzir.

1. Tradução pedagógica e tradução profissional

Aparecendo, essencialmente, após quatro ou seis anos de ensino/aprendizagem de uma Língua Estrangeira (2), a tradução pedagógica é

entendida, ainda hoje, como a prática, na sala de aulas, dos célebres exercícios de tradução/retroversão, cujos objectivos, natureza, público e *modus faciendi* a distanciam de maneira profunda da tradução profissional.

Deste modo, na tradução pedagógica, o que está em causa é o *saber*, tanto sob o ponto de vista do professor (que, pelo viés da tradução põe em vivência, essencialmente, aspectos do léxico, da morfologia e da sintaxe que os aprendentes deverão dominar), como do aluno (o qual deverá revelar a mestria dos conteúdos linguísticos que, anteriormente, lhe foram ensinados). Deste modo, a tradução apresenta-se mais como um meio do que como um fim, como reconhece Elisabeth Lavault:

“La traduction n’est alors plus une fin mais un moyen, dans la mesure où ce qui importe ce n’est pas le message, le sens que le texte véhicule, mais l’acte de traduire et les différentes fonctions qu’il remplit: acquisition de la langue; perfectionnement; contrôle de la compréhension, de la solidité des acquis, de la fixation des structures...” (3)

Quanto à *natureza* da tradução profissional, convenhamos que ela releva, essencialmente, do saber-fazer, que, em condições reais da prática tradutora, se manifesta na capacidade que o tradutor tem de reproduzir, com a maior transparência possível, a informação dada em Língua Estrangeira, de molde a que o destinatário do texto traduzido não se aperceba sequer de que está perante uma tradução.

É o desenvolvimento da competência linguística que se apresenta, assim, como objectivo prioritário da prática da tradução em contexto pedagógico, enquanto a tradução profissional se revela como um puro acto comunicativo, no qual o emissor/tradutor deverá ter em conta todos os factores de comunicação, com particular ênfase o destinatário (plural), no interior do qual espera ver desencadear-se uma acção/reacção ao seu discurso.

Nesta perspectiva, a tradução profissional afasta-se da tradução pedagógica, o mesmo acontecendo tendo em conta os *materiais* traduzidos. Na verdade, se a tradução pedagógica se debruça quase exclusivamente sobre textos fabricados ou fragmentos de documentos autênticos (4), cujo contexto é, por sistema, ocultado e/ou ignorado e cujo objectivo de escolha decorre unicamente das intenções pedagógicas do momento (muitas vezes presas ao reforço do ensino/aprendizagem de estruturas gramaticais ou ao controlo da compreensão de um texto anteriormente estudado), a tradução profissional interessa-se por materiais sociais, por documentos autênticos, em toda a sua dimensão.

Destinatário por excelência do texto traduzido em situação escolar, o professor transforma a tradução pedagógica num dos seus meios de *auto-avaliação* (ao constar que erros cometidos pelos alunos podem, eventual-

mente, ser da responsabilidade da sua prática pedagógica) e de *hetero-avaliação* (procurando testar meramente o grau de aproximação/afastamento presente no texto traduzido pelo aluno em relação ao texto de partida). Apoiando-se, com frequência, no aspecto contrastivo dos sistemas de ambas as línguas em presença, o professor olvida, involuntária ou deliberadamente, o carácter interpretativo inerente à tradução profissional, o qual, mobilizando múltiplas competências, a transforma num acto comunicativo por excelência.

2. Tradução e competência comunicativa

Efectivamente, embora o trabalho do tradutor profissional exija, como é óbvio, uma profunda competência linguística (5) e sémio-linguística (6) na dupla vertente língua de partida/língua de chegada, o certo é que ele não pode contentar-se com a simples correspondência dos códigos linguísticos em confronto. A sua acção é muito mais ampla e o seu saber alargado. Para tal, deverá dominar a chamada competência comunicativa, nas suas múltiplas componentes, das quais destacaremos, ainda:

— a competência referencial, entendida como *la connaissance des domaines d'expérience et des objets du monde et de leurs relations* (7) bem próxima dos conhecimentos relativos à cultura/civilização das comunidades linguísticas em confronto;

— a competência discursivo-textual, formada pelos *savoirs et savoir-faire relatifs aux discours et aux messages en tant que séquences organisées d'énoncés* (8) que possibilita as representações e a mestria efectiva dos diversos funcionamentos textuais e da codificação de discursos diferentes;

— a competência sócio-pragmática ou relacional, identificada com os *savoirs et savoir-faire touchant aux routines, stratégies, régulation des échanges interpersonnels en fonction des positions, des rôles, des intentions de ceux qui y prennent part* (9) que se preocupa com a prossecução de objectivos pragmáticos conformes às diversas normas e legitimidades, e atendendo à sua dimensão interactiva e social.

Comunicador por excelência, ciente das múltiplas exigências a que deve dar resposta, o tradutor profissional é, assim, um agente indiscutível da comunicação entendida nos seus mais amplos aspectos, aproximando-se, por isso, daqueles que, no seu quotidiano, dela fazem o seu campo de acção privilegiado: os professores, em geral, e os professores de línguas, em particular.

3. Tradução: uma prática pedagógica renovada

É precisamente graças à competência comunicativa lata já assinalada para o caso da tradução profissional que a tradução realizada em contexto pedagógico pode assumir uma nova dimensão.

Com efeito, se os professores de Língua Estrangeira adoptarem estratégias que visem de mais perto uma real operacionalização da tradução, tornando-a numa tarefa próxima das reais necessidades de comunicação do aprendente e relegando para um plano secundário as simples finalidades pedagógicas anteriormente apresentadas, certamente que a prática da tradução trará um acréscimo de benefícios a todo o processo de ensino-aprendizagem em Língua Estrangeira, tornando-o mais adequado à realidade que o enforma.

3.1. Para uma prática comunicativa da tradução

Para que se traduza, comunicando, propomos que professores e aprendentes, na sua prática de ensino/aprendizagem de uma Língua Estrangeira, adoptem as célebres questões comunicativas *Quem?*, *O quê?*, *Onde?*, *Quando?* e *Como?* como marcos orientados da sua (nova) maneira de traduzir.

Deste modo, facilmente reconhecerão que:

— Quem deve traduzir será não só o aprendente, mas também o professor, em colaboração estreita;

— A tradução de materiais sociais (como banda desenhada, contos, artigos do jornal, cartas, receitas culinárias, folhetos de informação turística, normas de utilização...), no seu todo, deve ser privilegiada, em detrimento da tradução de excertos, de textos ou frases fabricados e de palavras isoladas;

— O local onde se traduz não se restringe, de modo algum, ao interior da sala de aula;

— Só se traduz, traduzindo e, como tal, quantas mais vezes essa prática for adoptada, mais facilmente se obterá um bom resultado;

— Não há qualquer obstáculo à tradução em grupo, oral ou por escrito, com o recurso às fontes (documentais e humanas) consideradas mais apropriadas à obtenção dos fins em vista.

Percebendo, desta maneira, a tradução como uma actividade multifacetada, que, obviamente, necessita de respeitar a especificidade discursiva e a intenção comunicativa tanto do texto de partida, como do de chegada, tendo em conta destinatários reais (os aprendentes, os professores, a escola, a sociedade...), qualquer um dos actores pedagógicos compreenderá que a finalidade da tradução em contexto escolar se encontra ao serviço da obtenção dos objectivos comunicativos e formativos mais exigentes.

3.2. Para uma progressão no ensino/aprendizagem da tradução

Sublinhemos, ainda, a necessidade do recurso sistemático à prática da tradução, no quadro da aula de Língua Estrangeira, privilegiando-se a

que se faz de Língua Estrangeira para Língua materna (porque mais autêntica) e obedecendo a uma certa progressão.

Assim, a título exemplificativo, julgamos ser conveniente começar-se por exercícios de sensibilização, para, como diz Françoise Grellet, *apprendre à regarder sa traduction d'un oeil critique, à trouver le mot juste, à rester fidèle au texte, à repérer les réseaux sémantiques ou sonores d'un passage, aider à la "répensée" du texte en langue maternelle* (10), percebendo que as línguas não são meros inventários de equivalências de palavras e que o significado indicado pelo dicionário bilingue pode não corresponder às exigências do texto a traduzir nem ao dinamismo do próprio acto de tradução em si. Deste modo, o aprendente, logo desde o início, deve ser levado a *comprendre que pour bien traduire, pour être fidèle au sens, il faut souvent être infidèle aux mots.* (11)

Numa segunda etapa, passar-se-á à realização de exercícios que reflectam problemas específicos da tradução de Língua Estrangeira para Língua Materna (caso dos falsos-amigos, das diferenças de extensão dos campos semânticos, etc.), para, finalmente, abordar problemas metodológicos e técnicos relativos, entre outros aspectos, à deontologia do acto de traduzir e dos seus agentes.

3.3. Algumas sugestões práticas

A título de exemplo dos exercícios que podem ser realizados em contexto escolar, na perspectiva por nós defendida, permitimo-nos apresentar, na esteira de François Grellet, algumas sugestões concretas. São amostras, a nossos olhos significativas, duma possibilidade que os professores de Língua Estrangeira têm de tornar mais autêntica a tradução pedagógica.

Exercício A

Objectivo

Levar o aprendente a compreender que um título só pode ser traduzido depois de se conhecer o seu contexto, isto é, todo o texto.

Modalidades práticas

- Dividir a turma em grupos de dois elementos.
- Escrever no quadro o título e pedir aos aprendentes que o traduzam, mesmo não conhecendo o texto correspondente.
- Registrar no quadro as diferentes propostas encontradas, apreciando, em grande grupo, as diferentes potencialidades de sentido do título em questão.

- Fornecer aos aprendentes os dois textos portadores do título analisado.

- Pedir aos aprendentes que:

- leiam silenciosamente ambos os textos;

- traduzam (em pequeno grupo) o título de cada texto, adaptando-o à especificidade do conteúdo de cada um deles.

- Comparar, em grupo, as traduções propostas.

Exercício B

Objectivos

- Permitir ao aprendente a aquisição dos conhecimentos técnicos necessários para traduzir um texto especializado.

- Sensibilizar o aprendente para a necessidade de efectuar uma pesquisa documental, antes de traduzir um texto especializado.

Modalidades práticas

- Dar aos aprendentes uma lista de anúncios da secção de necrologia, publicados em jornais estrangeiros.

- Pedir-lhes que traduzam o primeiro, dando-lhes a oportunidade de concluírem que a dificuldade deste trabalho não está na compreensão do texto, mas, sobretudo, na sua tradução em Língua Materna autêntica e que, por tal motivo, necessitam de estudar textos similares publicados em Língua Materna.

- Pedir aos aprendentes que tragam, para a aula, anúncios de necrologia publicados na sua Língua Materna, os quais deverão ser analisados em termos comparativos com os anúncios em Língua Estrangeira (levantamento das semelhanças e diferenças).

- Pedir aos aprendentes que, individualmente ou em grupos de dois elementos, traduzam o conjunto de anúncios publicados em Língua Estrangeira.

- Comparar, em grande grupo, as diferentes traduções encontradas.

Exercício C

Objectivo

Levar o aprendente a reflectir sobre o significado das palavras, mostrando-lhe que há perigos na escolha automática da palavra em Língua

Materna que se encontra, formalmente, mais próxima da que ocorre em Língua Estrangeira.

Modalidades práticas

- Dar aos aprendentes vários pares de frases, com e sem “falsos-amigos”.
- Pedir aos aprendentes que expliquem a diferença de sentido entre ambas as frases de cada par, o que eles poderão fazer quer individualmente quer dois a dois.
- Registrar, no quadro, as soluções encontradas, promovendo a sua discussão, em grande grupo, e levando a turma a assinalar a melhor tradução.

4. Conclusão

Privilegiando uma abordagem comunicativa, na qual o trabalho em grupo e a negociação serão amplamente praticados (colaborando de modo especial no desenvolvimento da dupla capacidade de compreensão e de expressão), sem menosprezar, obviamente, o trabalho individual não só na pesquisa de uma boa solução como também na procura de uma informação rigorosa e actualizada, a prática da tradução na aula de Língua Estrangeira contribuirá ampla e inequivocamente para a prossecução dos objectivos mais exigentes do nosso ensino.

Cobrando as diferentes áreas da competência de comunicação e possibilitando o conforto inesgotável de diferentes maneiras de ser, de fazer e de dizer, ela afirma-se como uma estratégia/actividade pedagógica plena de actualidade e... de futuro!

Rosa Porfíria Bizarro
Universidade do Porto

NOTAS

(1) Neste trabalho, entenda-se *tradução* na perspectiva interlingual, segundo os princípios estabelecidos por Roman Jakobson nos seus **Essais de linguistique générale**, traduzidos do inglês e prefaciados por Nicolas Ruwet, Paris, Ed. Minuit, 1963.

(2) Nos primeiros anos de ensino/aprendizagem é com timidez que se reconhece as ocorrências (sempre pontuais e raramente estruturadas) da tradução na aula de Língua Estrangeira.

(3) LAVALT, Elisabeth — **Fonctions de la Traduction en didactique des langues**, Paris, Didier Erudition, 1985, p. 18.

(4) En Didactique des Langues, [*document authentique*] se dit de tout document, sonore ou écrit, qui n'a pas été conçu expressément pour la classe ou pour l'étude de la langue, mais pour répondre à une fonction de communication, d'information ou d'expression linguistique réelle, in GALISSON, R. e COSTE, D. — **Dictionnaire de Didactique des Langues**, Paris, Hachette, 1976, p. 59.

(5) Entenda-se competência comunicativa como o faz Sophie Moirand, ao defini-la como: (...) *la connaissance et l'appropriation (la capacité de les utiliser) des modèles phonétiques, lexicaux, grammaticaux et textuels du système de la langue*. (MOIRAND, S. — **Enseigner à communiquer en langue étrangère**, Paris, Hachette, 1982, p. 20).

(6) Esta competência contempla o saber e o saber-fazer relativos à grafia e à pontuação (para a escrita) e à mímica (para a oral).

(7) MOIRAND, Sophie — *op. cit.*, p. 20.

(8) COSTE, Daniel — **Lecture et compétence de communication**, "Le Français dans le monde", nº 141, Paris, Hachette, 1978, p. 27.

(9) COSTE, Daniel — *op. cit.*, p. 27.

(10) GRELLET, Françoise — **Apprendre à traduire**, Nancy, Presses Universitaires de Nancy, 1991.

(11) LAVALT, Elisabeth - **Traduction pédagogique ou pédagogie de la traduction?, Retour à la traduction**, número especial de "Le Français dans le monde", Paris, Hachette, Agosto/Setembro, 1987, p. 124.

BIBLIOGRAFIA

COSTE, D. (1978) — **Lecture et compétence de communication**, "Le Français dans le monde", nº 141.

GRELLET, F. — **Apprendre à traduire**, Nancy, Presses Universitaires de Nancy, 1991.

LAVAUT, E. — **Fonctions de la traduction en didactique des langues**, Paris, Didier Erudition, 1985.

IDEM — **Traduction pédagogique ou pédagogie de la traduction?, Retour à la traduction**, numéro especial de **Le Français dans le monde**, 1987.

MOIRAND, S. — **Enseigner à communiquer en langue étrangère**, Paris, Hachette, 1982.

JAKOBSON, R. — **Essais de linguistique générale**, Paris, Ed. Minuit, 1963.